Submetido em: 08/09/2020

Publicado em: 22/04/2021

RESENHA

RORTY, Richard. **Uma ética laica**. Trad. Mirella Traversin Martino. São Paulo: WMF Martins Fonte, 2010, 44p.

BIANCA STRÜCKER[1]

O texto apresentado no livro Uma ética laica é proveito de uma conferência de Richard Rorty em Turim, com introdução feita por Gianni Vattimo. A obra foi publicada originalmente em italiano com o título Un'Etica per i laici, em 2008, e em 2010 foi traduzida por Mirella Traversin Martino e publicada pela editora WMF Martins Fontes.

Richard Rorty nasceu no dia 4 de outubro de 1931, em Nova York. Estudou nas universidades de Chicago e Yale e formou-se na tradição da filosofia analítica anglo-americana e no pensamento centro-europeu. Rorty situou-se na corrente do pragmatismo hermenêutico ou também conhecido como neopragmatismo, ou ainda uma corrente pós-analítica da filosofia anglo-saxã. Faleceu em 08 de junho de 2007, aos 76 anos de idade. Gianni Vattimo é um filósofo e político italiano, nasceu em 04 de janeiro de 1936, em Turim. Consagrou-se como um expoente do pós-modernismo europeu ao re-interpretar a ontologia de Martin Heidegger e de Hans-Georg Gadamer à luz do niilismo de Friedrich Nietzsche. Dessa forma, ele desenvolveu o que chama de "ontologia

[1] Bacharela e Mestra em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Acadêmica do Curso de Doutorado em Direito do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Pesquisadora bolsista da CAPES. Advogada. E-mail: biancastrucker@hotmail.com.

da atualidade", que consiste na interpretação da história do ser na sua fase presente2.

Rorty e Vattimo conheceram-se em 1979, em Milwaukee, onde havia sido organizada uma conferência sobre o pós-moderno, e a partir de então perceberam que estudavam e acreditavam em coisas semelhantes, temáticas que se comunicavam e tinham imbricações uma na outra. Richard Rorty escrevera que por muitos séculos a filosofia se preocupara em assegurar que nossa representação da realidade é fiel. O espelho que a filosofia representava, refletia fielmente a natureza ou orientava a ciência. Entretanto, Rorty defendia que esta concepção era um sonho metafísico, assim como já havia sido apontado por Heiddeger, a ideia de que "a essência de nosso ser-no-mundo consistia em contemplar a verdade objetiva e depois, acima de tudo, observá-la" (RORTY, 2010, p. 8). Esta concepção européia de metafísica assegurava que observando as coisas como elas estão, também seria possível observar as normas.

Porém, na tradição filosófica em que Rorty se encontra, as normas não podem ser extraídas dos fatos, "se alguém é alguma coisa, simplesmente é" (RORTY, 2010, p. 8). Logo, se não há uma norma que diga o que deve ser, é preciso que se diga o porquê deve sê-lo ou fazê-lo. Rorty retoma o pragmatismo de Wittgenstein, na invenção dos jogos linguísticos, teoria que argumenta que cada setor da existência fala uma linguagem, sendo a linguagem quem delimita a verdade, a falsidade ou a sensatez. Isto é, a linguagem é relativa a cada reduto social, não é universal, não provêm de uma verdade objetiva, fechada.

Este discurso remonta ao problema da verdade, que também é amplamente debatido por Vattimo (2016)3. O pragmatismo rortyano não defende

---

[2]Vattimo (2016, p. 38) apresenta sua hipótese, defendendo que "hoje, na nossa atualidade não apenas filosófica, mas também histórico-social, seja preciso ir além da fenomenologia para uma ontologia da atualidade." Consequentemente, o rompimento com a linguagem centrada é realizado através de uma prática discursiva descentrada, é o primado da sensibilidade, do imaginário, é o rompimento do sentido-centro unitário.

[3] Para Vattimo (2016) a verdade não se encontra, mas se constrói com o respeito da sociedade de cada um e das diversas comunidades que convivem. O autor defende a ideia de verdade como abertura não como domínio, da verdade que não mais é metafísica, mas que é construída pelo sujeito no mundo, na ontologia da atualidade.

que apenas é verdadeiro aquilo que funciona, ou seja, não estamos no mundo apenas para olhar as coisas como estão, mas, para transformar, produzir e fazer novas realidades. O objetivo remonta à palavra central dos estudos de Rorty, a busca pela felicidade. A transformação da realidade serve para a produção da felicidade humana, não basta apenas conhecê-la, se a realidade não produz felicidade, precisa ser transformada.

Para Rorty e Vattimo, no século XX a filosofia dá um giro epistemológico para sair da busca pela verdade para a concepção de felicidade e caridade, expressões que caracterizam o pensamento de cada um dos autores, respectivamente. Neste sentido, o valor supremo deixa de ser "A"4 verdade, em sentido estrito, fechado, objetivo, para pensar nas repercussões que causam na vida humana.

Os apontamentos de Rorty direcionam para as falas do então Papa Bento XVI, que discorreu sobre a dificuldade que a igreja vem encontrando para dizer em que acredita. A preocupação de Bento VXI era de que as crenças da Igreja não fossem mais universais, não fossem mais verdades objetivas. Rorty, porém, discorre que esta concepção levou a muita infelicidade humana. Ao tratar da homossexualidade, por exemplo, olhar para o paradigma que direciona para uma verdade objetiva, durante séculos gerou morte, discriminação, e infelicidade. Por outro lado, o pragmatismo defende que antes de assegurar qual é "A" verdade, o compromisso ético deveria ser produzir felicidade humana.

O caminho que Rorty defende é rejeitar a tradição que Heiddeger definiu como ontoteologia, ou seja, "deixar de fazer tantas perguntas metafísicas sobre o fundamento ou a origem de nossos ideais como perguntas epistemológicas sobre como podemos ter certeza de ter escolhido o ideal correto" (RORTY, 2010, p. 15-16), seria inútil buscar certezas de que estamos na direção certa. Este ponto remete à dialética entre fundamentalismo5 e relativismo6. Segundo Bento

[4]Tanto Vattimo (2016) como Derrida (2017), propõem uma abertura, um descentrar, o que deixa lacunas para a paradoxalidade, para as inconsistências, para as ambiguidades. Ao determinar "A" verdade, "A" lei, no sentido restritivo, o sujeito é castrado e o discurso, a linguagem, a lei, tornam-se fonocêntricos e logocêntricos. Logo, com "A" quer-se demonstrar uma verdade objetiva, centrada, totalizada.

[5] Rorty conceitua fundamentalismo como a tese de que os ideias são válidos apenas se alicerçados na realidade (RORTY, 2010).

[6] Por relativismo Rorty (2010) entende, simplesmente, como a negação do fundamentalismo.

XVI, estaríamos construindo uma ditadura do relativismo, que não reconhece nada como definitivo, e cujo objetivo é a afirmação dos próprios desejos. A posição de Rorty, por outro lado, aponta que esta abertura para novas possibilidades, a capacidade de produzir mais felicidade, ou ao menos, minimizar infelicidades. A posição pragmática rortyana é de que a única maneira de evitar a repetição dos males do passado é a abertura para uma mudança paradigmática.

Neste sentido, o relativismo parece ser o fundamento filosófico da democracia, no sentido de que ninguém pode ter a pretensão de saber qual é o caminho certo a tomar. As sociedades democráticas fundamentam-se na ideia de que nada é sagrado, entretanto, Rorty acentua que o relativismo absoluto não pode ser a única saída. Se por um lado, há necessidade de abertura, há certas coisas que nunca poderão tornar-se erradas, e outras que nunca poderão tornar-se certas. A política, portanto, não deve ter a finalidade de ser redentora, “é preciso tornar os homens mais felizes, e não redimi-los” (RORTY, 2010, p. 22). Rorty se associa a outros filósofos da democracia social para negar a natureza do mal de alguns desejos, mas afirmar que alguns desejos tornam impraticável o nosso projeto de maximizar a satisfação de muitos desejos, de produzir mais felicidade humana.

Entre fundamentalismo e relativismo, a primeira vai defender que a humanidade deve se manter fiel a experiência humana comum de contato com “A” verdade, aquela que é maior que nós. Por outro lado, a segunda, defende que jamais haverá uma verdade maior que nós. Estas duas posições antagônicas se dividem em uma ascensão vertical, que aponta o metafísico platônico teológico, e outra de visão de progresso horizontal, num sentido colaborativo em nível planetário, que se fixa na vivencia humana.

Rorty ainda pontua que não opõe relativismo a absolutismo, por acreditar que tanto fundamentalismo como relativismo defendem absolutos. A diferença esta na necessidade ou não da metafísica. Sua posição é de que o único absoluto de sua concepção teórico-paradigmática é a felicidade humana. Ainda que se saiba que o ideal de uma sociedade onde todos amam a todos e a si mesmo seja impossível, o caminho deve apontar para a tolerância, onde, ao

menos, todos têm respeito suficiente pelos outros, de modo a não presumir que o desejo do outro seja intrinsecamente mau. Fazendo alusão à Habermas, além de secularizar a política, seria preciso, também, torná-la não metafísica, isto é, deixar de lado até mesmo posições seculares que mantém a ideia de que tem algo grandioso, maior que nós ao nosso lado.

Conforme Rorty, uma ética laica não se esgota em uma objetividade conceitual, pois sua essência é justamente permanecer aberta às modificações. Refere-se a um conjunto de ações democráticas, dialogadas e acordadas em igualdade de distinções sobre a verdade, objetivando a felicidade mútua entre os indivíduos e sociedades. A laicidade, neste viés, pode ser compreendida para além de uma ética sem ser limitada por qualquer religião específica, mas por se tratar de uma ética sem pressupostos autoritários ou violentos. Não objetiva tornar a sociedade competitiva ou imoral, do contrário, presume que “Não existe um desejo intrinsecamente mau, existem apenas desejos a ser subordinados a outros no interesse da equidade” (RORTY, 2010, p. 26).

Embora o título da obra se chame Uma ética laica, em momento algum do texto esta expressão é apresentada ou conceituada, mas, compreendendo o paradigma por detrás da fala de Rorty e também Vattimo, o sentido de ética laica é a demarcação de compromisso ético para criar felicidades. Se não há algo maior que nós, produzir felicidade ou infelicidade é uma responsabilidade humana. Mais que um direito, paradigmas que produzem felicidade são, também, um dever. Vattimo também contribui dizendo que entre o “tudo é válido” e verdades fechadas, definitivas, há uma esfera intermediária. Rorty encerra apontando que deveríamos deixar de contrapor verdades universais à preferências arbitrárias, mas que não se promovem transformações alicerçados em verdades universais, ou em pontos fixos morais, afixados por um ser transcendente. Verdades fechadas sinalizam ao acomodamento. Uma ética laica, por outro lado, nos impõe responsabilidade pela condição humana, seja de felicidade, seja de infelicidade.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RORTY, Richard. Uma ética laica. Trad. Mirella Traversin Martino. São Paulo: WMF Martins Fonte, 2010.

VATTIMO, Gianni. **Adeus à verdade**. Petrópolis: Vozes, 2016.